

O DISCURSIVO NO USO DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO NO PORTUGUÊS*

Luiz Carlos Travaglia
Universidade Federal de Uberlândia

1. Introdução

O presente trabalho nasceu da observação de um emprego do pretérito imperfeito do indicativo (exemplificado por (1) abaixo), que ocorre na fala das crianças, quando planejam suas brincadeiras em termos de papéis que terão, ações que executarão e fatos envolvidos nas mesmas.

- (1) a - Andréia (6 anos): Varos brincar de casinha? Eu era a mãe, você era a filha. As boneca era suas filhas. Eu era a avó.
b - Marília (4 anos): E a Terezinha?
c - Andréia: Era a comadre que vinha visitar a gente.
d - Terezinha (5 anos): Aí vocês tavam fazeno alroço e eu chegava.
e - Marília: Não. Era aniversário das bonecas. Cê vinha pra fazer o bolo.
f - Terezinha: Então tá.
g - Andréia: Então coreça. Vai pra lá, Teresinha! A gente fica aqui arrumando e você vem e bate na porta.
h - Terezinha: Tá bem.

(Começa a encenação ou brincadeira em si).

Ao procurar uma explicação ou explicações para este emprego, levantamos uma série de fatos que interferem no uso do pretérito imperfeito do indicativo, cuja exposição é nosso objetivo. Tais fatos são de natureza discursivo-pragmática (às vezes serântica) e, por isso, julgo necessárias algumas colocações, antes de expor as observações feitas no emprego do pretérito imperfeito do indicativo pelos usuários do Português

* Este trabalho é uma nota prévia ao projeto de tese do autor.

2. A organização do discurso e sua influência no uso de elementos da língua

Acreditamos que, ao utilizar os recursos disponíveis na língua, os usuários escolhem tais recursos em função de uma série de elementos lingüísticos e não-lingüísticos (da situação de comunicação), elementos estes que caracterizam as condições de produção do enunciado lingüístico (ou texto, se assim quisermos). Isto quer dizer que o falante escolhe os recursos lingüísticos em função de: a) de si mesmo (da imagem que faz de si); b) dos objetivos que tem; c) do ouvinte (da imagem que faz desse, e da imagem que ele pensa que o ouvinte faz de si próprio e dele, falante); d) do momento; e) do lugar; f) do assunto (ou referente) - aquilo de que vai falar e a imagem que ele faz desse assunto e a imagem que julga que o ouvinte faz; g) de seus pressupostos e os que considera serem do ouvinte; h) das inferências de ambos; i) do conhecimento que têm ou julgam ter a respeito do assunto; j) do ato de fala a realizar e de todas as condições e exigências sociais para que o mesmo se efetive de maneira válida em determinada situação social¹, etc. Assim, as propriedades lingüísticas do texto são resultado de um intercâmbio entre um emissor e um receptor o que equivale dizer que dependem de razões discursivas, ou seja, de elementos envolvidos na constituição do que chamamos de discurso.

Do que foi dito deve ter transparecido que se entende por discurso uma manifestação individual (de um indivíduo, mas também de um grupo) ou particular; concreta e circunstanciada de uma linguagem infinita; onde, por infinita, se entende com infinitas possibilidades de uso e, por circunstanciada, se entende dentro de uma situação ou circunstância com características próprias bem definidas, dentre todos os aspectos que lembramos acima (veja itens a a j), além de outros e que constituem tudo o que envolve e subjaz à emissão lingüística. O discurso tem, assim, muito a ver com as condições de produção do texto, enquanto este seria o produto concreto da situação de discurso.

Muitos trabalhos têm estudado e demonstrado que o emprego ou o uso dos recursos lingüísticos são regidos por razões discursivas, resultantes do intercâmbio e aproximação entre um eu e um tu², além de outras possíveis e existentes razões fonológicas, sintáticas ou semânticas. A meu ver, a quase totalidade das razões estilísticas (que dependem da presença do eu do emissor ou do tu do receptor) são razões de natureza discursiva, todavia apresentaremos, abaixo, dois exemplos ligados ao uso das formas do verbo e que aparecem em trabalhos não ligados à estilística, mas à análise dos usos de elementos da língua em função da organização do discurso.

No primeiro trabalho, WOLFSSON - 1979 estuda a alternância do chamado presente histórico com o pretérito perfeito simples em narrativas conversacionais no Inglês americano moderno. Após diversas considerações, conclui que tal alternância é um fenômeno nitidamente discursivo (do qual as considerações apenas semânticas ou sintáticas não podem dar conta) cuja função no discurso é de organização da narrativa. A mudança entre pretérito perfeito e presente serve para separar episódios na história, o que, todavia, não seria a única forma de organizar a história, nem elimi-

na possíveis correlações entre o modo pelo qual o falante apresenta a história e o modo como os fatos realmente aconteceram. Além disso, WOLFSSON ressalta que o que faz desta alternância um recurso nitidamente discursivo é a sua opcionalidade (propriedade comum a todos os traços do discurso), pois o modo pelo qual esse recurso é utilizado é inteiramente relativo ao falante individual.

No segundo trabalho, LAVANDERA - 1985 (no cap. V, págs. 73-75 e no cap. VII, págs. 116-134) comenta a importância da relação entre o lingüístico e o não lingüístico (conhecimentos, crenças, convenções sociais, intenções reais ou supostas do falante e o que ele apresenta como sua intenção, etc.) para explicar: a) as escolhas de recursos lingüísticos feitas pelo falante ao instituir seu discurso e b) como este discurso será entendido pelo ouvinte. A partir daí exemplifica com a análise de três textos, onde observa a alternância entre subjuntivo e indicativo no espanhol, mostrando como a ocorrência do primeiro funciona como uma estratégia argumentativa do falante que visa a dar maior credibilidade a uma ocorrência posterior do mesmo verbo no indicativo e a fazer com que o ouvinte encare o dito de uma certa forma e enverede na conversação por um caminho e não por outro³.

Poder-se-ia argumentar que o uso de certos elementos lingüísticos é condicionado pela presença de outros elementos no contexto lingüístico ou pelo contexto como um todo, que determinariam que o falante use uma determinada forma lingüística e não outra. Seria o caso do exemplificado em (2) abaixo.

- (2) a - Talvez ele venha à festa.
- b - Desejo que você passe no vestibular.
- c - Embora Pedro esteja muito ocupado, receberá você.

Nestes exemplos a modalidade expressa por "talvez" em (2a) e "desejo que" em (2b) e a presença de "embora" no início da oração "obrigariam" o falante a usar o subjuntivo e não o indicativo. Sem dúvida é do conhecimento de todos que nestes contextos o falante não pode escolher entre indicativo e subjuntivo e, neste caso, o uso deste não dependeria de nada discursivo. Todavia é preciso lembrar que o contexto não é dado de antemão ao falante mas sim que o contexto também é construído pelo falante, é parte de sua escolha em função do que pretende. Dessa forma, a escolha entre subjuntivo e indicativo, em casos como os exemplificados em (2), se daria não a nível do contexto reduzido, mas em níveis discursivos mais altos em que é possível escolher contextos que aceitem o subjuntivo ou o indicativo. Vê-se, portanto, que as formas condicionadas por contexto são também escolhas discursivas do falante em nível diverso. (Cf. LAVANDERA - 1985 : 128).

3. Considerações sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo

Nossas considerações dizem respeito ao uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português contemporâneo brasileiro; todavia, por força de referência a

outros estudos e utilização de seus exemplos, aparecerão frases extraídas de obras de autores portugueses, mesmo não contemporâneos.

Não nos ocuparemos aqui no levantamento das caracterizações do pretérito imperfeito do indicativo, já feitas na literatura lingüística, quanto a seus valores temporais, modais e aspectuais e quanto a seu emprego e às explicações dos mesmos. Limitar-nos-emos às referências e comparações necessárias a este estudo.

As observações que aqui fizermos são o resultado de leituras, análise de exemplos e testagens preliminares através, principalmente, de entrevistas com falantes. Cremos que essas observações colocar alguns fatos novos sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português que merecem, entretanto, um aprofundamento no seu estudo que ainda não tivemos a oportunidade de efetuar ao tempo em que redigimos este.

Iniciaremos nossas colocações pelo tipo de uso infantil que motivou este estudo e, que está exemplificado em (1) bem como em (3), (4) e (5) abaixo⁴.

(3) Andréia (6 anos): Marília, você fica aí. Você fazia roupa e eu vinha esconder aqui. Aqui era o meu esconderijo.

(4) a - Bruno (9 anos): Varos brincar de Thundercats?

b - Fabinho, Marcelo, Renato, Flávio: Varos.

c - Bruno: Eu era o "Laion".

d - Fabinho (8 anos): Não. Eu que era.

e - Bruno: Não. Eu que era. Cê vai ser o "Pantron".

f - Fabinho: Tá bom. Então o "tander-tanque" é meu.

g - Marcelo (10 anos): Eu vou ser o "Taigra".

h - Renato (9 anos): Quem era o Snarf, a Chitara, o "Willie-quite" e o Willie-quêti"?

i - Bruno: Não. Eles tinham ido viajar. Porque tem que tê o bandido. Quem cê qué sê?

j - Renato: O "Mum-ra"

l - Flávio (8 anos): Então eu era um mutante e ajudava "Mum-ra".

m - Bruno: Então tá. Cês vinham roubar a espada e eu charava os outros pra ajudar.

n - Renato: Nós atacava a toca. Eu enfeiticava os bicho pra ajudá a gente.

o - Flávio: Eu comandava os bicho.

p - Fabinho: Eu defendo com o "tander-tanque".

q - Marcelo: Eu com meu chicote de ficá invisível.

r - Bruno: Então varos. A toca é no alpendre da minha casa.

(Começa a brincadeira)

(5) João e Maria

Chico Buarque e Sivuca

1-Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy era você
Além das outras três

5-Eu enfrentava os batalhões
Os alerões e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava o rock para as matinês

Agora eu era o rei
10-Era o bedel e era também o juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz

E você era a princesa
Que eu fiz coroar
15-E era tão linda de se admirar
que andava nua pelo meu país

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
20-0 seu bicho preferido

Vem me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido

25-Agora era fatal
Que o faz de conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
30-E agora eu era um louco a perguntar
O que que a vida vai fazer de mim.

Nestes exemplos, e outros semelhantes, observamos que o pretérito im-

perfeito do indicativo poderia alternar, conforme o contexto, com as seguintes formas verbais:

- (6) a - ir (pres. do ind.) + infinitivo (valor de futuro)
- b - futuro do presente (valor de futuro)
- c - futuro do pretérito (com valor de hipótese e valor temporal pouco nítido)
- d - presente do indicativo (normalmente com valor de presente nas indicações de papéis e de futuro nas indicações de ação).

Em alguns contextos a alternância parece ser mais natural com uma ou outra forma de (6). Assim, por exemplo, o futuro do pretérito parece ser a forma mais natural para substituir o pretérito imperfeito quando o verbo é indicador de ações e não de papéis. Este é o caso em (1c) (viria visitar), (1d) (estariam fazendo e chegaria), (1e) (viria), (4m) (viriam e chamaria), (4n) (atacaria e enfeiticaria), (4o) (corandaria) o que não quer dizer que esta forma não seja perfeitamente boa em outros contextos. Exemplos: (1.a) (seria); 4.1) (seria um mutante), (5.1) (seria).

Todavia a alternância com todas as formas de (6) parece ser possível. Assim em (1.a) e (4.n) poderíamos ter o que se sugere em (7) e (8) respectivamente.

- (7) Vamos brincar de casinha? Eu era (vou ser, serei, seria, sou) a mãe, você era (vai ser, será, seria, é) a filha. As boneca era (vão ser, serão, seriam, são) suas filha. Eu era (vou ser, serei, seria, sou) a avó.
- (8) Nós atacava (varos atacar, atacareros, atacaríamos, atacaros) a toca. Eu enfeiticava (vou enfeiticar, enfeiticarei, enfeiticaria, enfeitico) os bicho prá ajudar a gente.

Se existe a possibilidade de alternância⁵, o que leva o falante a optar por uma ou outra forma? A seguir, partindo de valores já colocados na literatura linguística sobre tais formas, passamos a explicitar em linhas básicas o que levaria o falante a optar por uma forma e não outra⁶.

Ao instituir seu discurso num intercâmbio e aproximação com um ouvinte, o falante optaria pelo futuro do pretérito se achasse que a assunção de um papel por ele ou por outro, ou a execução de uma ação fossem uma hipótese, uma probabilidade, uma possibilidade perfeitamente questionável pelo ouvinte. Assim, o uso do futuro do pretérito pelo falante é como se este dissesse ao ouvinte: "Eu estou dizendo isto, mas, se você não concordar, poderos discutir o assunto". A opção pelas formas de (6a) e (6b) têm um efeito semelhante entre si: nas duas, o falante apresenta a assunção do papel ou a execução da ação como sua intenção, todavia as mesmas são vistas como algo virtual, no "poder ser"⁷ e que admite certo questionamento do ouvinte, mas menos do que com o futuro do pretérito. A forma de (6a) revela uma determinação maior do fa-

lante em sua intenção⁸ e funciona como um aviso para o ouvinte de que o questionamento do que diz o falante pode gerar maiores problemas do que se ele dissesse o mesmo com o futuro do presente. O uso do presente do indicativo como que diz ao ouvinte que o falante vê a assunção do papel ou a execução da ação como coisa certa, real. O falante usa o presente, assumindo que a coisa, embora ainda em planejamento, é como se já existisse tão seguro ele está do que propõe, não aceitando questionamento. Este, se feito pelo ouvinte, será conflituoso.

A possibilidade de alternância, com os valores acima, é perfeitamente visível no exemplo (4) onde os meninos ao lado do pretérito imperfeito usam também "ir + infinitivo" (Veja 4a, 4e, 4g) e o presente do indicativo (Veja 4f, 4i-quer, 4p, 4r). Em (4f) o Fabinho colocou a posse do "tander-tanque" numa entonação que deixou claro que esta era uma compensação inquestionável pelo fato de ele aceitar ser o "Pantron" em vez de "Laiou"; daí o uso do presente do indicativo. Em (4i), Bruno, que liderava a brincadeira, coloca categoricamente a necessidade de haver os bandidos, usando o presente do indicativo. Antes ele apresenta uma possível razão para a não presença dos outros heróis na brincadeira, usando o pretérito imperfeito do indicativo. Ao perguntar a Renato o que ele queria ser, faz a pergunta no presente como a indicar ao ouvinte (Renato) que a escolha dele seria aceita sem questionamento. Ele podia ter perguntado:

(9) Quem cê queria ser?

forma que já sugere ser questionável a escolha conseqüente à pergunta.

Neste uso infantil, com estas possibilidades de alternância, que valor o pretérito imperfeito do indicativo apresenta para ser escolhido pelo falante na estruturação do discurso?

Inicialmente, visto tratar-se sempre de fantasia infantil na estruturação de brincadeiras no que concerne ao estabelecimento de papéis a assumir e ações a executar nas mesmas, pensamos tratar-se de um uso não registrado nas gramáticas que podíamos denominar de "imperfeito de fantasia" assim como há o "imperfeito habitual", o "imperfeito de cortesia", etc. Esse imperfeito de fantasia seria um uso do imperfeito pelo qual o falante se afastaria da realidade, fugiria da realidade. Acontece que esse afastamento da realidade poderia ocorrer também em discursos oníricos⁹, isto é, discursos em que o falante falasse de sonhos, de coisas que desejava ter ou realizar na vida. Procuramos então verificar a ocorrência desse uso do imperfeito em discursos desse tipo. Para tal solicitamos a alunos de 4a. e 8a. séries do 1º grau, 2a. série do 2º grau e universitários de Letras e Engenharia¹⁰ que respondessem por escrito, uma entre várias perguntas apresentadas (Veja anexo I) e que buscavam levar à produção de discursos do tipo a que chamamos de onírico ou de fantasia, se assim quisemos. Para grupos de falantes diferentes e do mesmo nível de escolaridade apresentamos as perguntas em duas formas distintas (uma com o verbo da principal no pretérito imperfeito do indicativo e outra com o mesmo verbo no futuro do pretérito),

para verificar se a forma da pergunta influenciava no uso do imperfeito nas respostas. Verificamos que não influenciou. Antes de responder às perguntas, os alunos preencheram também uma ficha de dados individuais (Veja anexo II) através da qual se pretendia controlar possíveis influências de variáveis como idade, sexo, nível sócio-econômico e cultural, influência de dialetos regionais. O pretérito imperfeito de fantasia apareceu, embora com frequência diferente, em todos os níveis de escolaridade como se pode ver pelos exemplos (10) a (15) extraídos das respostas dos informantes. Nas respostas, quando não usaram o pretérito imperfeito do indicativo os falantes usaram invariavelmente o futuro do pretérito¹¹.

- (10) - O que você faria se fosse uma fada?
- ajudava aos outros (4a. série do 1º grau - Noturno)
- (11) - O que você faria se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- Eu ajudaria todos os pobres, comprava uma carinhonete D20 branca, um carinhão para meu pai, um carro para minha mãe, uma casa e tudo que é conforto para minha família. (4a. série do 1º grau - Diurno).
- (12) - O que você faria se fosse levado por um disco voador?
- Eu procurava a ser amiga dos terrestres e eu ficava no planeta que eles me levassem conversando, contando coisas para eles do meu planeta..... (4a. série do 1º grau - Diurno)
- (13) - O que você fazia se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- Doava 45% para as entidades de crianças menores, construía uma casa e viveria em paz, com um dinheiro no banco.
- (14) - O que você fazia se fosse levado por um disco voador?
- Fazia nada, mas pensando melhor eu na hora que visse que eu estava sendo levada eu começava a chorar e pedir para voltar..... (2a. série do 2º grau - Diurno).
- (15) - Se eu ganhasse na loto ou na esportiva sozinho, iria arrumar a vida de meus pais, ou seja, pagava suas dívidas, dava-lhes uma boa casa e uma chácara ou sítio, e um bom carro e um pouco de grana. (10º período de Engenharia).

Observamos que, conforme cresce o nível de escolaridade, decresce a frequência de uso do pretérito imperfeito do indicativo e aumenta a do futuro do pretérito. Isto parece ser devido ao atendimento cada vez maior à norma culta, conforme aumenta a escolaridade (ressalvadas as exceções), uma vez que tal norma exige a relação de tempos explicitada em (16).

falante via o fato como algo que se afastava da realidade. O estudo do uso do pretérito imperfeito do indicativo levou a detectar outros casos em que esse afastamento da realidade se verifica. Postulamos então um valor discursivo básico para o imperfeito (que, todavia, parece não ser o único) que apresentamos em (18), apresentando a seguir os outros usos dessa forma verbal que nos levaram a propor tal valor básico¹⁵.

- (18) No Português, o falante usa o pretérito imperfeito do indicativo sempre que deseja ou precisa se afastar (fugir, escapar, ausentar-se) da realidade ou vê ou quer apresentar um fato como fora da realidade, afastando de si qualquer responsabilidade ou comprometimento pelo que diz, ante o ouvinte.

É exatamente este valor que desaparece, conforme referimos na Nota 5, se substituirmos o pretérito imperfeito do indicativo. Para conferir basta efetuar a troca no exemplo (5), onde a situação de afastamento da realidade é inclusive explicitada pelo autor através da expressão "faz de conta".

Alguém poderia questionar este valor de afastamento da realidade e conseqüente não comprometimento do falante, lembrando que o indicativo é sempre apontado como o modo da realidade, da informação, mais ligado a inteligência, à razão. Como pode então o pretérito imperfeito indicar afastamento da realidade? Ora, a literatura lingüística tradicional é que fala em realidade. Sabemos que essa caracterização é modal¹⁶ e, na verdade, em termos modais o indicativo é o modo da certeza em contraposição ao subjuntivo que é o modo da dúvida, do desejo, da suposição, etc. Certeza e afastamento da realidade não são incompatíveis. Aliás, quando a modalidade é de desejo e não de certeza, no lugar do pretérito imperfeito do indicativo temos o imperfeito do subjuntivo. É o que se pode observar no anexo III, redação 3 (final do primeiro parágrafo e parágrafo cinco) e redação 4 onde as formas verbais queria e gostaria, sem contar outras marcas, deixam clara a modalidade de "desejo". Na redação 2 (compare-se o primeiro parágrafo com o segundo) e na redação 6 também se observa o desejo do falante levando o verbo para o pretérito imperfeito do subjuntivo.

No anexo III, encontramos outros exemplos que confirmam que o pretérito imperfeito do indicativo é usado quando o falante por uma razão ou outra se afasta da realidade, sobretudo na redação 1, na redação 2 (segundo parágrafo), e um pouco na redação 3. Observe-se que a modalidade também é de certeza.

É interessante notar nas redações do anexo III que o presente do indicativo aparece quando o falante fala de coisas que para ele são já existentes (reais) e ele tem certeza dessa existência. Nestas redações também se observa que o futuro do pretérito aparece em contextos onde poderia aparecer o pretérito imperfeito do indicativo. Não considerando a influência da norma culta que em certos casos recomenda o uso do futuro do pretérito, pode-se dizer que a escolha do falante, ao organizar seu discurso, será controlada pelo seguinte: se ele vê o fato como certo, mas afastado da realidade usará o pretérito imperfeito do indicativo; mas se ele vir o fato como ape-

nas hipotético, provável, possível (portanto outra modalidade) usará o futuro do pretérito. Mesmo a norma culta, embora recomende a concordância de tempos colocada em (16) reconhece a possibilidade da alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, registra-a e explica-a. CUNHA - 1972: 310, por exemplo, diz que o pretérito imperfeito do indicativo é usado "pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro que não ocorreu:" e dá exemplo transcrito em (19). Veja-se também a observação 1a. da pág. 317 de CUNHA - 1972.

(19) O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendeiro. (Monteiro Lobato)

Em (19), percebe-se, claramente, que o falante vê o fato de "virar um fazendeiro" como certo, mas afastado da realidade pela falta de meios. Se usasse o futuro do pretérito apresentaria o fato como hipotético, mas provável, não fora da realidade. Estão neste mesmo caso o exemplo (20) e similares.

(20) a- Se ele viesse, eu falava com ele.
b- Se ele viesse, eu falaria com ele.

CUNHA (1972: 317) diz que em frases como (20a) o fato da principal (falar com ele) é apresentado como "efeito imediato e inelutável" da condição que não ocorreu, enquanto em (20b), como consequência provável dessa condição. Isto coincide com as colocações dos falantes entrevistados¹⁷: os alunos de 2º grau disseram que em (20a) havia certeza de falar e em (20b) menos certeza ou incerteza; as professoras, além da certeza e incerteza, disseram que em (20a) havia irrealidade e não-compromisso do falante em (20b), realidade e compromisso hipotético do falante.

Em situação análoga à do exemplo (17) produzimos, na fala, a frase de (21), quando conversávamos com a mesma colega de trabalho a frequência do imperfeito e do futuro do pretérito nas redações que ela deu a seus alunos a meu pedido. Parece-nos que, por escrito, atenderíamos a norma culta e usaríamos seria em vez de era. Mas na fala informal prevaleceu a idéia de afastamento da realidade (note que em 21 o contexto é todo de suposição), mas principalmente a idéia de não comprometimento do falante (eu) com nenhum julgamento sobre o que diz, por ser uma afirmação impressionística e não calcada em dados de uma pesquisa como conviria na situação acadêmica em que a frase de (21) foi produzida¹⁸.

(21) Acho que se fosse falado, o resultado era diferente.

Em conversas informais, com pessoas de diferentes níveis sociais e culturais, fizemos perguntas semelhantes à do anexo I e com muita frequência a resposta vinha no pretérito imperfeito do indicativo (Veja exemplo 22), confirmando a proposi-

ção de valor discursivo feita em (18).

(22) - O que a Senhora faria se chegasse na sua casa e encontrasse um bruta carrão.

- Primeiro eu desmaiava, depois eu ia aprender dirigir e ia passear.¹⁹

No exemplo (23), colhido da novela "Roda de Fogo", da Rede Globo de Televisão no capítulo levado ao ar em 30/09/86, o imperfeito é usado com o valor de (18). Isto se percebe, porque os fatos a que a personagem alude já estão fora de cogitação real, uma vez que a noite já passou e arbores estão no trabalho.

(23): Lúcia: Bom dia.

Renato: Bom dia, você dormiu bem?

Lúcia: Muito bem. Podia ser melhor se você tivesse passado a noite comigo

(PAUSA)

Eu queria dormir a seu lado, acordar junto de você, preparar o seu café.

Outro exemplo em que se comprova facilmente o valor de (18) para o pretérito imperfeito é (24), extraído da Revista Isto É de 29/09/82, pág. 27 e cujo contexto está perfeitamente explicitado na reportagem reproduzida no anexo IV.

(24) Se não fosse homem eu casava com ele.

Aqui o afastamento da realidade e não comprometimento do falante são evidentes.

Um exemplo na literatura é (25), que extraímos de MOURIN - 1959.

(25) "Pois se amanhã eu saísse de casa, era logo um ror de gente a pedir para o meu lugar" (Ferreira de Castro apud MOURIN - 1959: 110).

Nos exemplos (22), (23), (24) e (25) o pretérito imperfeito do indicativo pode ser substituído pelo futuro do pretérito com o valor que já comentamos e aparece correlacionado na mesma frase ou no contexto com uma condicional. Essa alternância se verifica também em orações não condicionadas, como se pode ver em (26), (27) e (28).

(26) a- Gostava bem de vir passar o Natal com vocês.

b- Gostaria bem de vir passar o Natal com vocês.

- (27) a- Eu estou tão cansado. Eu precisava descansar.
 b- Eu estou tão cansado. Eu precisaria descansar.
 c- Eu estou tão cansado. Eu preciso descansar.
- (28) a- Será que você me emprestava seu livro?
 b- Será que você me emprestaria seu livro?
 c- Será que você me empresta seu livro?

Em (26a) o falante tem o desejo, mas acha improvável que o fato possa acontecer, está fora de cogitação, em (26b) ele já julga o fato como algo possível de ocorrer e o apresenta como tal. Em (27) e (28) além de alternar com o futuro do pretérito o imperfeito alterna também com o presente do indicativo. (27a) é usada quando o falante reconhece sua necessidade de descanso, mas não vê possibilidade de fazê-lo, portanto o descanso é, para ele, algo que se afasta da realidade. Em (27b) a possibilidade de descanso existe, desde que provavelmente se afastem alguns empecilhos, ou por outra, desde que se realizem certas condições. Já em (27c) o presente do indicativo, marca a real possibilidade do descanso, tanto que seria dita em uma situação em que o falante talvez já estivesse descansando ou indo descansar. É interessante registrar que, se (27a) for usada em uma situação em que o falante já está tentando descansar, certamente será seguida por uma oração como "mas vocês não deixam" ou "mas vocês ficam fazendo barulho", etc. Em (28) temos hipótese sem condição e os valores são praticamente os mesmos de (27). Em (28a) temos um valor aproximado do que se tem chamado de imperfeito de cortesia. Esse tipo de frase só tem esse valor subsidiário de cortesia, quando dita diretamente a quem executaria o processo verbal. Assim, (29), dita por um professor à secretária da escola, não apresenta tal valor.

- (29) Será que o diretor autorizava estes xerox?

(29) só seria usada por um falante que não estivesse acreditando muito na possibilidade da autorização.

Note-se que o valor de cortesia do chamado "imperfeito de cortesia" das gramáticas nada mais é do que um valor derivado do valor do imperfeito proposto em (18). Segundo as gramáticas o pretérito imperfeito é usado pelo presente do indicativo "como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido" (CUNHA - 1972: 311) ou "para exprimir com modéstia e polidez, um desejo, um pedido" (CEGALLA - 1976: 375). Na verdade, essa polidez, modéstia, atenuação é um efeito secundário, na situação de fala, do valor básico do imperfeito: colocando o verbo neste tempo, o falante, afastando da realidade seu desejo, seu querer, seu pedido, sua afirmação, atenua-os, conseguindo não se comprometer no sentido de não fazer sobre o ouvinte uma pressão que este poderia perceber no uso do presente do indicativo e que, por alguma razão, não seria conveniente na situação. Daí a cortesia. Vejamos alguns exemplos:

(30) Eu desejava falar com você.

(31) Gostava de saber se você vem. (CEGALLA - 1976: 375)

(32) Diz-lhe:

- Pedro, eu vinha exclusivamente para tratar de negócios.
(Ciro dos Anjos - apud CUNHA - 1972: 311).

(33) Você segurava minha bolsa enquanto eu telefono?

(34) A - Projeto NURC/SP

Inquérito nº 22 Bobina nº8 Inf. nº _____

Tipo de entrevista: diálogo entre 2 informantes

Duração: 80 min. Data do registro _____

Temas: A família, O ciclo da vida, A saúde

Informantes:

Locutor 1 - Mulher de 31 anos, casada, formada em Filosofia e Ciências Sociais, natural de São Paulo, pai e mãe nascidos em São Paulo

Locutor 2 - Mulher de 33 anos, casada, psicóloga, natural de São Paulo, pai e mãe nascidos em São Paulo.

630-635 (posição na fita pelo contador)

D1 (documentador 1) - Mas, eu quero saber como é que é esse casamento, como é que ele é feito assim, o que que... Como é que vocês fazem pra chegar, pra casar, enfim; a cerimônia. Eu queria que vocês contassem sobre isso. Como é que é?

B- 420-430

(Antes L2 falou do uso da palavra solteirão)

D1 - E não se usa outro termo assim nessa situação nem pro homem nem pra mulher? Assim, normalmente... vocês não usariam, não pensariam em outro termo.

L2 - Não.

D1 - Pra isso. Mas, eu queria que vocês contassem pra gente

L2 - Usa-se, às vezes, falar assim. Fulana está enalhada não sei o que usava-se, agora ultimamente nem ouço mais muito isso.

L1 - Vai ver se desencilharam todos os (...inaudível...)

L2 - Desencilharam

D1 - Que bom, né? Problemas a menos. Agora eu queria que vocês contassem o casamento, como é que foi quer dizer antes do casamento como é que vocês fizeram pra conhecer os respectivos maridos, quer dizer essa fase anterior ao casamento, como é que vocês se conheceram, como é que se processou esse conhecimento.

(34) Podia dar-me um minuto de atenção?

Como se pode observar nos exemplos acima, todos os imperfeitos podem ser substituídos pelo presente do indicativo, mas desaparece o efeito de polidez e cortesia. Em (32) a frase é dita numa situação em que o(a) outro(a) já está em presença de Pedro, mas usa o verbo no imperfeito, como se na verdade não tivesse vindo. Em (34A) pode-se ver que o uso do imperfeito de cortesia realmente tem a ver com o não dar a impressão de que está pressionando o ouvinte. Assim, a primeira ocorrência de querer é no presente, pois o falante declara um desejo seu que pode ser satisfeito pelo ouvinte, mas não há uma explicitação da ação a ser feita pelo ouvinte (quero saber); mas, quando há a explicitação do que este deve fazer, a forma usada é o imperfeito (queria que vocês contassem) não só em (34A), mas também em (34B).

O futuro do pretérito pode substituir o imperfeito em quase todas as frases de (30) a (35), exceto nas frases com o verbo querer, pois, como já se disse na nota 12, a língua tem restrições ao uso desse verbo no futuro do pretérito²⁰. A substituição do imperfeito pelo futuro do pretérito não elimina o valor de polidez ou cortesia, porque este último também pode ser usado pelo presente do indicativo. "nas fórmulas de polidez" (CEGALLA - 1976: 377) ou "como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo" (CUNHA - 1972:316). Aqui a polidez, a cortesia nasce do valor de coisa provável do futuro do pretérito e não do afastamento da realidade como no imperfeito.

Um emprego do imperfeito próximo ao de cortesia é o exemplificado por (36) e (37) onde a frase no pretérito imperfeito do indicativo soa como uma pergunta indireta e delicada. Nestes casos o imperfeito alterna com o presente do indicativo.

(36)a - João disse que você fazia belos calçados.

b - João disse que você faz belos calçados.

(37)a - Antônio me disse que você fazia belos trabalhos em mármore.

b - Antônio me disse que você faz belos trabalhos em mármore.

MOURIN - 1959: 121 e 122 anota este caso. Usar as suas idéias na explicação que se se-

que por nos terem parecido claras e precisas: numa posição ou situação onde se podia ter o presente do indicativo é usado o pretérito imperfeito do indicativo, revelando dúvida do falante e fazendo da frase uma pergunta indireta e delicada, onde o falante, na dúvida, prefere não se comprometer e coloca a coisa que representa fora da realidade que ele controla.

Um outro uso do pretérito imperfeito do indicativo que ratifica seu valor proposto em (18) é com o verbo ter em situações de compra. Nestes casos o imperfeito pode alternar com o futuro do pretérito e o presente do indicativo. Veja exemplos (38) a (40).

- (38) a - Você não teria aí um parafuso menor e cromado?
b - Você não tem aí um parafuso menor e cromado?
c - Você não tinha aí um parafuso menor e cromado?

(39) Comprador: (será que) Você não tinha aí uma lapiseira de 3mm?

Vendedor: Não. Só tenho de 5 e 7 mm.

Comprador: (Para o cliente a seu lado) É. parece que não fabricam de 3 mm. Eu queria para maior precisão no desenho.

(40) Compradora: Eu queria um pano pra fazer uma blusa.

Vendedor: (Após retirar vários tecidos da prateleira e colocá-los ante a compradora) Gosta de algum?

Compradora: (Após examinar os tecidos) Não. Eu queria algo mais fresco.

Vendedor: (Trazendo outros tecidos) Que tal esses?

Compradora: (Após examinar os tecidos) Não é bem isso.

Você não tinha aí um pano bem leve, mas menos transparente?²¹

Ao observarmos este uso do pretérito imperfeito do indicativo do verbo ter em situações de compra, pareceu-nos que o falante usava o imperfeito, quando não tinha certeza de ter o que pedia e que, se o falante tivesse certeza da resposta ser sim ou não, usaria o presente do indicativo. Ou seja, o comprador usaria o pretérito imperfeito do indicativo, quando o que pergunta ao vendedor está fora da realidade que ele controla. Para verificar se esta intuição era válida para um maior número de falantes, já que tínhamos dúvidas, construímos o exemplo (38) e o apresentamos, individualmente e em momentos diversos, a três professoras universitárias de Língua Por-

tuguesa e duas de Língua Portuguesa. Solicitamos a cada uma que nos dissesse se via alguma diferença entre as três frases em termos de valor, de significado e quando, em que tipo de situação, cada uma seria usada pelo falante. As informantes acharam²² que a pergunta com o presente do indicativo (38b) é usada quando o falante acredita que tem a coisa ou acredita que tem muita chance de ter a coisa. Duas disseram que com o presente há um compromisso do falante (comprador) de comprar. Todas as informantes disseram que acham que a pergunta com o imperfeito (38c) é pouco usada, mas que seria usada quando o falante está fazendo uma verificação, mas acha que não teria a coisa ou a possibilidade de ter é menor, é pequena. O falante usaria esta forma quando espera mais um não que um sim, seria usada só depois de ver muitas coisas, está difícil de achar o que quer, então o falante faz a pergunta com o imperfeito apenas por descargo, para não deixar de verificar se tem aquilo que quer. Este parece ser exatamente o caso nos exemplos (39), onde o comprador parece estar no fim de uma procura infrutífera; e (40) onde a compradora parece achar que não tem o que ela quer, pois o vendedor já lhe mostrou muitos tecidos e nenhum foi do seu agrado. Duas informantes disseram que com o imperfeito não se estabeleceu um compromisso de compra mesmo que o falante deseje comprar. Quanto à pergunta com o futuro do pretérito (38a), as informantes tiveram uma certa dificuldade em explicitar o valor e a situação de uso da mesma: três disseram achar que é só uma questão de um registro mais formal em relação ao presente, uma forma mais polida e duas acharam que o falante usaria o futuro do pretérito quando sua expectativa fosse neutra: nem a favor de uma resposta negativa, nem a favor de uma resposta positiva, seria uma simples verificação da existência de um produto. Uma das informantes disse que, para ela, há um compromisso (só que condicional, velado) de comprar.

As colocações dos informantes ratificam nossa intuição inicial, e, acrescentaram elementos novos que precisaram mais os valores e conseqüentemente a situação de uso. Assim o uso do verbo ter, em um ou outro tempo, em perguntas para verificação da existência de mercadorias em situações de compra, é regulado pelo seguinte:

a) o presente do indicativo seria usado quando o falante (comprador) acredita²³ que tem o produto que deseja naquele estabelecimento ou a chance de ter é muito grande. Estabelecer-se-ia um compromisso de compra.

b) o pretérito imperfeito do indicativo seria usado quando o falante (comprador) acredita que não tem o produto que deseja naquele estabelecimento ou a chance de ter é muito pequena. Para os falantes o imperfeito seria usado nas últimas etapas de uma procura infrutífera. Não se estabeleceria um compromisso de compra.

c) o futuro do pretérito seria usado quando o falante não tem qualquer crença sobre a existência ou não do produto no estabelecimento. Além disso, seria usado também como uma forma mais polida e de registro mais formal. Talvez se estabeleça um

compromisso condicional de compra²⁴.

É sabido que, ao fazer uma descrição, o falante pode utilizar o presente do indicativo ou o pretérito imperfeito do indicativo. Normalmente se considera que a opção do falante é regida apenas pela questão temporal: o presente, se se faz uma descrição agora, o imperfeito, se se faz uma descrição no passado. Acreditamos que também aqui funciona o valor do imperfeito especificado em (18) em oposição ao presente que marcaria uma realidade. Assim, a descrição será feita no presente do indicativo, quando o falante vê a descrição que faz como válida para agora, portanto dentro da realidade válida no momento em que a faz, mas será feita no pretérito imperfeito do indicativo, quando o falante não quer se comprometer com a validade da mesma para o agora. Portanto ele apresenta a descrição feita como algo afastado da realidade válida no momento em que faz a descrição, não se comprometendo pela validade da mesma. Assim, por exemplo, se o falante A pede ao falante B que lhe diga como é um lugar (para o qual pretende viajar) e o hotel onde se hospedou, pode-se ter dois comportamentos de B:

a) Se B foi a esse lugar há muito tempo e não tem mais certeza de que as coisas ainda são do mesmo modo, fará a descrição no imperfeito, pelo menos nos aspectos mais facilmente mutáveis, como em (41);

b) Se B acaba de chegar desse lugar ou foi lá há pouco tempo e acha que as coisas ainda não se mudaram, fará a descrição no presente do indicativo como em (42).

(41) A cidade era muito calma, sem muito movimento. Quase não havia barulho. Você podia alugar cavalos ou charretes para passear. Dia sim, dia não havia na praça uma feira de flores e produtos artesanais. O hotel é grande e perto de um lago. O lago era cheio de nenúfares. Havia garças também, às margens, árvores e bancos para descansar. Em torno do hotel havia um bosque cheio de trilhas pelas quais as pessoas passavam. Deve haver ainda. O bosque era cheio de orquídeas e pássaros. Os apartamentos são grandes e estavam sempre muito limpos. Trocavam a roupa de cama e as toalhas todos os dias. Além das três refeições normais, serviam um chá à tarde, porque lá é muito frio. Quase todas as noites promoviam alguma coisa: bailes, audição musical, jogos, etc. Lá é um lugar realmente bom para descansar.

(42) A cidade é muito calma, sem muito movimento. Quase não há barulho. Você pode alugar cavalos ou charretes para passear. Dia sim, dia não há na praça uma feira de flores e produtos artesanais. O hotel é grande e perto de um lago. O lago é cheio de nenúfares. Há garças também. Às margens, árvores e bancos para descansar. Em torno do hotel há um bos-

que cheio de trilhas pelas quais as pessoas passariam. O bosque é cheio de orquídeas e pássaros. Os apartamentos são grandes e estão sempre muito limpos. Trocar a roupa de cama e as toalhas todos os dias. Além das três refeições normais, servem um chá à tarde. Porque lá é muito frio. Quase todas as noites promovem alguma coisa: bailes, audição musical, jogos, etc. Lá é um lugar realmente bom para descansar.

Como se pode observar em (41) os aspectos da descrição que o falante acha serem válidos para o momento em que ela é feita aparecem no presente do indicativo. (42) seria também, "mutatis mutandis", a descrição que faria, por exemplo, um agente de viagens que só incluiria na descrição aspectos válidos para o momento em que descreve, ou pelo menos ele usaria o presente para convencer o ouvinte de que é como ele diz. Se no final de (42) o agente de viagens dissesse: "o hotel tinha aquecimento central" sem nenhuma outra explicação seria imediatamente questionado pelo seu interlocutor: "Tinha ou tem?"

Acreditamos que esse valor do pretérito imperfeito do indicativo nas descrições só é válido para as descrições de lugares, cenários, paisagens, ou de situações estáticas²⁵ sobretudo estados, mas não para descrições de situações dinâmicas²⁵ (sobretudo ações e fenômenos). Nestas o pretérito imperfeito tem apenas aquele valor temporal que CUNHA - 1972: 310 descreveu da seguinte forma: "Empregar-lo, assim, quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevermos o que era presente". Esse valor temporal foi também definido por COROA - 1985: "No imperfeito o falante se coloca numa perspectiva também de passado para contemplar o evento na sua ocorrência. O que o falante transmite ao ouvinte com o uso do imperfeito é uma ótica do evento a partir do próprio momento do evento e não do seu fim ou resultado. Sendo um tempo em que o ME e o MR são simultâneos e preceder o MF,²⁶ Um exemplo de descrição de ações é (43).

- (43) Debaixo de um itapicuru, eu funava, pensava e apreciava a tropilha de cavalos, que retouçavam no gramado vasto. A cerca impedia que eles me vissem. E alguns estavam muito perto. (Guimarães Rosa apud CUNHA - 1972: 310).

De qualquer maneira o relato no pretérito imperfeito do indicativo "é um relato não comprometido com o resultado do evento" como bem observou COROA - 1985:25.

MOURIN - 1959: 123 registra que o pretérito imperfeito do indicativo, oposto ao pretérito perfeito do indicativo, em frases como (44a), indica dúvida ou coisa inconcebível. É mais um caso a ratificar o valor básico proposto em (81). Nestes casos o imperfeito pode alternar também com o futuro do pretérito.

- (44) a - Há de ser encontrada viva... minha filha não se suicidava.

b - Há de ser encontrada viva... minha filha não se suicidou.

c - Há de ser encontrada viva... minha filha não se suicidaria.

Como o verbo no imperfeito (44a), o falante sugere que tal atitude está fora da realidade possível, fora de cogitação (o pai ou a mãe não aceita o fato). Com o pretérito perfeito (44b), o falante admite o fato como real, embora o negue. O uso do pretérito perfeito, como diz COROIA - 1985: 25, institui um relato "comprometido com o resultado do evento"²⁷ Com o uso do futuro do pretérito (44c) o falante sugere que a atitude está dentro da realidade possível, embora espere que a atitude não tenha se concretizado.

Frases como as de (45), em que o pretérito imperfeito do indicativo alterna com o pretérito imperfeito do subjuntivo, são também uma confirmação de que o imperfeito apresenta o valor de (18)

(45) a - Já pensou se eu estava pelada?

b - Já pensou se ele tinha uma doença no coração?

Frases desse tipo sugere uma consequência negativa, desagradável ou indesejada que tem como condição o fato expresso na pergunta. Todavia a consequência não ocorre porque a condição não existiu ou existe, ou seja, está fora da realidade. É o que indica o uso do imperfeito do indicativo. Suponhamos que (45a) seja dita por uma moça em cujo quarto entrou um rapaz sem pedir licença ou dar qualquer aviso prévio. É como se dissesse: "Já pensou que chato seria se eu tivesse pelada e voce me visse nua?" (Consequência) (42b) poderia ser dita por um falante qualquer a alguém que tivesse passado um susto na pessoa representada por "ele" nessa frase, como a sugerir "Já pensou que desagradável seria se ele tivesse uma doença no coração e morrresse? (Consequência).

Muito freqüentemente, em frases com orações condicionais, do tipo esquematizado em (16), o pretérito imperfeito do indicativo substitui não só o futuro do pretérito da principal, mas também o pretérito imperfeito do subjuntivo da condicional. É o que temos nos exemplos (46) a (49). Para STEN - 1973:104 o imperfeito do indicativo é usado quando a condicional é de realidade e o imperfeito do subjuntivo quando a condicional é de irrealidade. Isto parece ir contra as colocações que temos feito até aqui, mas observando os exemplos de STEN (46 e 48) vemos que os fatos ou não se realizaram, nem se realizarão ou estão com sua realidade questionada (Ex. 46 - se a tinha). Assim, cremos que STEN falava da modalidade dessas formas²⁸ que ficaria melhor definida se, onde fala em realidade, lêsseramos certeza e onde ele fala em irrealidade, lêsseramos dúvida, incerteza, suposição. Embora não tenhamos aprofundado estudos sobre este tipo de frase observando situações em que elas ocorrem e questionando falantes sobre seu valor em oposição a formas alternativas, achamos ser válida a observação de MOURIN - 1959: 112 sobre este tipo de construção e a que tomamos o

exemplo (49). Segundo MOURIN "dois imperfeitos do indicativo unidos por SE (condicional) são indiferentes ao problema da realidade: esta relação se exerce fora do real, mas o que não quer dizer que contrariamente a ele". Eu diria fora do real e com certeza, pois o uso do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo caracterizara a dúvida, a possibilidade.

(46) Em que se traduzia afinal, a sua vida interior, se a tinha. (NOBREGA, Anjos 77 - apud STEN - 1973: 104).

(47) A hora tarda, disse Maria Dolorosa. Tinha graça se a criança nascia mesmo à meia noite. (REDOL, Horizontes 20 - apud STEN - 1973: 104).

(48) Se na firma ele representava a boa conduta, a honestidade doméstica, a vida regular, a seriedade de costumes, Machado representava a finura comercial (Eça de Queirós, Alves 10 - apud STEN - 1973: 104).

(49) Pelos modos, o Pedro soube-o, e ontem se lho não tiravam das mãos, dava cabo dele. (DINIS p. 317 apud MOURIN - 1959:112 ou STEN - 1973:104).

Percebe-se claramente nos exemplos que os fatos são apresentados com certeza, mas afastados da realidade.

A seguir comentamos alguns usos do pretérito imperfeito do indicativo em que o valor proposto em (18) ou não está presente ou aparece tão atenuado que fica difícil dizer se ele está realmente presente ou não.

O primeiro destes usos já foi comentado e exemplificado com (43). São as descrições de situações dinâmicas, em oposições às descrições de lugares, cenários paisagens e situações estáticas. Nas descrições de situação dinâmica (como já dissemos ao falar das descrições) fica apenas o valor temporal que ali definimos e o fato de que temos uma apresentação da situação não comprometida com seu resultado, porque a apresenta em curso²⁹, em pleno desenvolvimento num momento do passado. Tudo isso deixa uma leve nuance de afastamento da realidade. Nesse caso está também o uso do pretérito imperfeito do indicativo do verbo ser "para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas" (CUNHA - 1972:311) como no exemplo (50). Nestas introduções o verbo ser tem o sentido de "existir" É interessante observar que nestes casos o imperfeito não alterna com outros tempos do verbo.

(50) Era uma vez, num país distante, um príncipe que era muito feio.

No pretérito imperfeito do indicativo que expressa um processo passado e habitual o afastamento da realidade se reduz ao não comprometimento do falante com a validade do hábito expresso para o agora, mas o hábito é apresentado como real no

passado. Nesse uso o imperfeito não alterna com outros tempos verbais. Veja exemplos (51) a (53).

(51) Nos fins de semana ele visitava os pais na fazenda.

(52) Quando Maria demorava para chegar à tarde, eu ficava inquieto.

(53) Se ficava sem dormir, ele adoecia.

Como o hábito é muitas vezes uma caracterização, expressando um modo de ser de alguém, o imperfeito habitual se aproxima das descrições de situações estáticas.

Quando o pretérito imperfeito do indicativo expressa um processo que estava em curso, quando outro ocorreu (Veja exemplos 54 e 55), o afastamento da realidade parece se anular completamente. Nestes casos, considerando o contraste figura-fundo, o processo verbal colocado no imperfeito constituirá o fundo sobre o qual se superpõe a figura de um processo indicado pelo verbo no pretérito perfeito do indicativo. Dessa forma, o falante salienta através do perfeito, sobre o fundo do imperfeito, o processo que subjetivamente considera mais importante. Nesse uso o imperfeito também não alterna com outras formas verbais.

(54) Ela chegou, quando Maria estava vendo televisão.

(55) Quando minha irmã arrumava as malas, o noivo a chamou ao telefone, para terminar tudo.

É interessante notar que o pretérito imperfeito do indicativo é frequentemente usado para expressar um passado próximo que parece se estender um pouco do passado até o momento da enunciação, como nos exemplos (57) a (59). Nestes casos o valor de afastamento da realidade parece se anular, ficando apenas o valor acima de passado próximo.

(56) a - Obrigado, há vinte e quatro horas que não comia
b - Obrigado, há vinte e quatro horas que não como.

(57) a - Era só o que faltava, você mandar eu sair da minha casa.
b - É só o que falta, você mandar eu sair da minha casa.

(58) a - Ah, mas aqui houve índios?
- Houve e há. Você não sabia mesmo? (Ferreira de Castro, A Selva 94 - apud STEN - 1973:118).

- b - Eu não sabia que Maria vem para o seminário.
- c - Eu não sei que Maria vem para o seminário.

- (59) a - Eu me esquecia de dizer-lhe que Ivo comprou a firma:
b - Eu me esqueci de dizer-lhe que Ivo comprou a firma.

Em frases como (56) e (57) o imperfeito alterna com o presente do indicativo, mas o sentido se altera completamente. (56a) significa que a pessoa acabou de comer e só usará tal frase imediatamente após comer. Já (56b) só seria usada nas seguintes situações: imediatamente antes de comer (em seguida comeria) ou para recusar o que lhe oferecem, possivelmente, porque está de jejum há um tempo X e vai continuar. Estes valores foram confirmados por todos os falantes questionados (10 alunas do 9º período do curso de graduação em Letras). Essas informantes inclusive deram exemplos comparativos e fizeram comentários como os registrados em (60) entre parênteses.

- (60) a - Tem muito tempo que eu não via o Gregório (Eu o vi há pouco).
b - Tem muito tempo que eu não vejo o Gregório (Eu continuo sem vê-lo).

Em (57a) não falta mais, o outro acaba de mandar o falante sair da própria casa. Em (57b) falta ainda, o outro não mandou o falante sair de sua própria casa, mas este pressente que isto está na iminência de acontecer e usa a frase. Temos assim, em (56) e (57), exemplificada uma alternância entre pretérito imperfeito e o presente do indicativo em que o primeiro indica um passado próximo e o segundo uma iminência de realização ou uma intenção de continuidade de realização do processo.

Em frases como as de (58) o imperfeito do indicativo é usado para dar a idéia de que a pessoa acabou de saber o fato através do que disse seu interlocutor no momento ou outrora há pouco tempo. A substituição do imperfeito pelo presente do indicativo é possível, mas muda o valor da frase e exige um tipo particular de situação de contestação para que possa ser usada. Assim (58c), obtida trocando o imperfeito em (58b) pelo presente, só poderá ser usada pelo falante como contestação à crença de seu interlocutor de que é do seu conhecimento a vinda de Maria talvez em um diálogo como o registrado em (61).

- (61) - Por que você não me disse que Maria vem para o seminário?
- Mas eu não sei que (se) Maria vem para o seminário! Só ouvi dizer que talvez ela viesse, mas não houve confirmação.

Em frases como as de (59) o imperfeito alterna com o pretérito perfeito do indicativo e a diferença entre as duas formas parece ser a seguinte: com o imperfeito, o falante ia esquecendo mas se lembra e diz o que ia esquecendo de dizer, já com o perfeito o falante esqueceu, devido ao esquecimento ocorreu algo que lhe lem-

brou o esquecido e então ele organiza a frase com o pretérito perfeito. Portanto situações discursivas distintas caracterizam o uso de uma ou outra forma pelo usuário da língua.

Finalmente gostaríamos de registrar aqui um uso do pretérito imperfeito do indicativo que, todavia, não examinamos detidamente. São frases em que o imperfeito é usado para exprimir processos que efetivamente se realizaram³⁰ e nas quais ele pode alternar com o futuro do pretérito (Exemplo 62) ou com o futuro do pretérito e o pretérito perfeito do indicativo. (Exemplos 63 a 65).

(62) Não telefonei para casa a prevenir a mãe, ou a criada, de que jantava fora e chegava tarde. (Archer, Bato 217 - apud STEN - 1973:103).

(63) A jangada de Jeremias chegava à praia uma semana depois ao entardecer, mas sem um dos homens: fora jogado pelas ondas e desaparecera.

(64) Duas horas depois do acontecido ele partia.

(65) Um ano decorrido, Paulo voltava à casa paterna.³¹

Em todos estes exemplos há algum fato anterior ao que é expresso pelo imperfeito que funciona como um momento de referência³² de cuja presença nasce a idéia de futuro relativo. Esta justifica a possibilidade de alternância com o futuro do pretérito, uma vez que o processo no imperfeito é passado em relação ao momento da fala e posterior a outro processo passado que funciona como momento de referência. Em (62) o momento de referência é o momento do telefonar (que não foi realizado) em (63), (64) e (65) o momento de referência não está explícito, mas sua existência se percebe claramente graças aos adjuntos adverbiais "uma semana depois" (63), "Duas horas depois" (64) e "Um ano decorrido" (65). Mas, por que se usou o imperfeito e não o perfeito ou o futuro do pretérito como seria de esperar?

Parece-nos que a justificativa está ligada ao valor proposto em (18): alguma coisa levaria ou o falante ou as pessoas conhecedoras do fato expresso pelo imperfeito, a acreditar que esse fato estava fora da realidade possível e a não acreditar na possível ocorrência deste fato. Isto explicaria porque aquele que produz a frase usa o verbo no imperfeito: para dar a conhecer ao receptor da mesma que aquele fato é visto por ele ou por outrem como algo afastado da realidade. Não é difícil imaginar o que levou à crença de que o fato expresso pelo imperfeito está afastado da realidade. Em (63) poderia antes ter havido uma tempestade, a jangada de Jeremias não voltou. Após a tempestade todos procuraram em vão e pensaram que todos haviam morrido e a jangada fora destruída, mas "uma semana depois a jangada de Jeremias chegava à praia". Essa chegada era vista por todos como impossível de ocorrer. Em (64) pode ser, por exemplo, que "ele" bateu o carro, houve feridos, envolvimento com a polícia,

etc, além disso o carro parecia não estar em condições de rodar. Apesar de tudo isso, contrariando as expectativas, "duas horas depois do acontecimento ele partia". Em (65) pode ter havido um desentendimento sério de Paulo com a família e ele saiu de casa para não mais voltar. Face a estes acontecimentos ninguém acreditava numa reconciliação de Paulo com a família, mas "um ano decorrido, Paulo voltava à casa paterna". Em (62) o que leva à crença de que tal fato não ocorreria parece não ser um acontecimento, mas algo no modo de ser da pessoa: talvez seja alguém que nunca sai de casa e nunca chega tarde. À falta do contexto da obra de onde STEN tirou o exemplo³³ poderos criar outro exemplo. Suponhamos alguém muito sovina para os membros da família e de quem de repente estes descobrissem que deu uma jóia à irmã. Eventualmente alguém podia comentar algo como (66).

(66) Quem podia pensar que ele dava uma jóia tão cara à irmã.
Pois não é que deu!

Confirmando-se essas nossas colocações, teremos mais um caso que comprova o valor discursivo do pretérito imperfeito do indicativo que propuseros em (18).

4. Conclusão

Neste trabalho fizemos uma série de colocações sobre valores e usos do pretérito imperfeito do indicativo e de alguns tempos com os quais ele pode alternar em determinados contextos. Alguns desses valores e usos foram apenas apontados e propuseros hipóteses sobre os mesmos. Merecem, por isso, um estudo particular e mais minucioso.

Ao comentarmos valores e usos do pretérito imperfeito do indicativo cremos ter levantado alguns ainda não catalogados na literatura linguística sob esta forma verbal do Português e (ou pelo menos) discutido alguns deles dentro de uma perspectiva pela qual não tinham sido abordados e que julgamos de capital importância para a total compreensão do seu funcionamento dentro da língua. É o caso, por exemplo do imperfeito de cortesia que poderos explicar através de um valor básico da forma verbal capaz de explicar uma série de outros usos.

Para nós a proposta fundamental deste trabalho é a proposição, para o pretérito imperfeito do indicativo, do valor apresentado em (18), pelo qual esta forma se caracteriza por permitir ao falante afastar um processo verbal da realidade (seja este afastamento real ou apenas da perspectiva do falante) e não se comprometer perante o ouvinte em virtude do que diz, afastando de si qualquer responsabilidade pelo enunciado na situação de enunciação. Esta colocação é fundamental porque viros que é capaz de explicar discursivamente a quase totalidade dos usos do pretérito-imperfeito do indicativo do Português. Não estariam neste caso o uso dessa forma:

FIGURA 1.

Total	Presença da realidade
afastamento	ou
da realidade	Não marcação
lidade	da realidade
	do processo
	verbal no
	momento da
	enunciação

- a) nas descrições de situações dinâmicas;
- b) para indicar um processo passado habitual;
- c) para expressar um processo que estava em curso quando outro sobreveio e
- d) para expressar um passado próximo.

Todavia nos casos de b parece que o não comprometimento do falante está presente.

Intuitivamente achamos que o afastamento da realidade que caracteriza o imperfeito não apresenta sempre a mesma intensidade. Na verdade, acreditamos que os diversos usos do imperfeito se distribuem ao longo de um contínuo que vai desde o total afastamento da realidade até à presença da realidade ou à não marcação da realidade do processo verbal no momento da enunciação. Usando apenas nossa intuição de falantes do Português, (talvez seja possível montar um instrumento e processo para medir esta gradação de forma mais precisa) buscamos estabelecer uma posição relativa dos diferentes usos do imperfeito do indicativo ao longo desse contínuo que representamos na figura 1. Nesta, a linha horizontal representa o contínuo e a linha vertical tracejada indica o limite entre os casos de afastamento da realidade e os casos de não afastamento da realidade. A linha vertical é tracejada para representar que este limite não é bem definido, havendo inclusive casos que se situariam neste limite porque não há um afastamento notável da realidade, mas permanece o não comprometimento do falante.

Fica aqui o levantamento dos fatos e o desafio para o aprofundamento de seu estudo.

NOTAS

1. Vide LAVANDERA - 1985: 73-75 e 116-134.
2. Vide OSAKABE - 1979.
3. Não reproduzimos os exemplos de WOLFSSON - 1979 e LAVANDERA - 1985 em detalhes por uma questão de espaço e já que o leitor interessado nestes detalhes pode recorrer a esses trabalhos
4. Os exemplos (1), (3) e (4), embora orais, não foram gravados. Tentamos, todavia, reproduzir a fala das crianças tal como se deu ao registrar o diálogo imediatamente após ouvi-lo.
5. É interessante observar que, quando o pretérito imperfeito do indicativo, no uso infantil em enfoque, aparece combinado com o advérbio agora, a substituição por outras formas que não o presente do indicativo parece não ser boa. A substituição pelo presente tira do discurso o valor aí introduzido pelo pretérito imperfeito do indicativo e que explicitamos mais adiante.

6. Apenas neste momento trataremos mais explicitamente o valor discursivo das formas que alternam com o pretérito imperfeito do indicativo. Nos outros casos, isso será feito apenas quando for absolutamente necessário para esclarecer o uso e o valor do imperfeito.
7. É interessante observar o que diz MELO - 1976 sobre o futuro do presente e o presente do indicativo nos itens 3 e 4 às págs. 163 a 165. Sobre o futuro ele conclui: "o futuro é intuído como algo problemático, incerto, dependente de contingências fortuitas, algo que está fora do realizável agora, fora do poder decisório, fora da visualização imediata como ser. Resumiríamos dizendo que o futuro é o poder ser. Então, nesta perspectiva o falante utiliza as formas da respectiva morfotaxe quando vê as coisas distantes da realização, distantes do afeto, distantes do domínio".
8. Esta maior determinação do falante veiculada por (6a) origina-se da presença do presente do indicativo do auxiliar da locução verbal, pela razão que expomos ao falar do valor do presente do indicativo logo adiante.
9. Este tipo de discurso nos foi sugerido pelo Prof. Ataliba Teixeira de Castilho, que tratou desse emprego do imperfeito em Sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. Marília, FFCL, 1967, págs. 136-137. Segundo CASTILHO, a primeira menção ao "imperfeito de fantasia", foi feita por Etienne Lorck no artigo "Passé défini, imparfait, passé indéfini" Germanisch Romanische Monatschrift 6: 1914, págs. 43-57, 100-113, 177-191.
10. Para maiores informações sobre os informantes e condições de apresentação e resposta às questões vide anexo I.
11. As únicas exceções foram:
- a) um falante de 4a. série que respondeu tudo no infinitivo como se fizesse uma lista de providências a tomar se ganhasse na loto:
- Comprar uma fazenda pro meu pai uma casa para minha mãe com uma empregada boa que dormisse.
Ir a Paris Londres, Disney, Roma em companhia de meus pais.
Comprar brinquedos, ajudar na despesa da casa.
Ajudar na despesa de casa.
Ajudar pobres.
Criar empregos."
- b) um falante de 4a. série que usou o presente do indicativo no trechô abaixo:
- "Eu seria levada para o planeta deles ficaria conhecendo a família deles e eles pergunta da onde eu sou e falo: sou do Planeta Terra."

12. Esse é o número de informantes que usaram o pretérito imperfeito, se incluímos os que usaram apenas o imperfeito do verbo querer. Todavia este verbo parece não ser usado no futuro do pretérito (quereria) porque esta forma soa desagradável e os falantes (talvez até por haplogogia) tendem a usar apenas a forma queria.
13. Esse número, bastante próximo do número relativo no 2º grau, é perfeitamente explicável, se lembrarmos que, após o término do 2º grau, os alunos de Engenharia, raramente continuam estudos de norma culta da Língua Portuguesa.
14. Esta ocorrência foi registrada, quando solicitava a uma colega do Departamento de Letras, que pedisse a seus alunos do Curso de Engenharia para responderem às perguntas do anexo I e explicava como queria que ela procedesse. Seu comentário veio espontâneo e no pretérito imperfeito quando pela norma culta dever-se-ia usar futuro do pretérito. O "ser falado" estava fora de cogitação no caso por falta de tempo e instrumental, portanto fugia à realidade, daí o imperfeito.
15. MOURIN - 1959: 123, 124 apresenta uma definição do imperfeito, que veio ratificar as observações que tínhamos feito, e na qual, por isso mesmo nos apoiamos para fazer nossa resposta. MOURIN diz que o imperfeito no Português "constitue un phénomène d'appréhension par lequel on s'absente de la réalité".
16. Veja-se nossas colocações sobre modalidade em TRAVAGLIA - 1981: 294-298.
17. Sobre este tipo de frase entrevistamos 02 alunos de 2º grau, 01 professora de Português e uma de lingüística
18. Foi a Profa. Ivany de Castro Bandeira, com quem eu já discutira minhas idéias sobre o imperfeito, que me chamou a atenção para o fato de eu ter usado (21), justamente com o imperfeito no valor que discutíamos.
19. Informante do sexo feminino, 52 anos, Instrução: 4a. série primária. 17/10/1986.
20. STEN - 1973: 112-115 observa que certos verbos parece serem mais empregados no pretérito imperfeito do indicativo do que no futuro do pretérito ou no presente do indicativo e que isto provavelmente ocorre por uma questão de modalidade do serantera do verbo. Entre tais verbos STEN inclui: convir, costumar, gostar, querer e desejar.
 Pelos exemplos que STEN apresenta, pode-se perceber que, na verdade, a tendência de uso por ele registrada tem a ver com a questão da cortesia, ligada, talvez, ao valor serântico dos verbos e não só da modalidade do serantera do verbo.

21. Os exemplos (39) e (40) foram colhidos casualmente numa papelaria e numa loja de tecidos respectivamente. O exemplo (38) foi construído para testagem com falantes.
22. Procuramos reproduzir as colocações das informantes mais ou menos na forma que as fizeram, apenas eliminando repetições e outros elementos próprios da língua oral.
23. As razões da crença não importam, embora em alguns casos possam ser detectadas.
24. Tendo em vista a insegurança dos informantes quanto ao uso deste tempo, em contraposição à sua segurança quanto ao uso dos outros dois tempos, cremos serem necessários mais estudos sobre esta questão. Todavia registramos aqui os passos dados para que se possa caminhar a partir daí.
25. Veja TRAVAGLIA - 1981: 51-64.
26. ME - momento do evento, MR - momento de referência e MF - momento da fala.
27. Isto se dá porque o pretérito perfeito apresenta a situação sempre como completa (daí o aspecto "perfectivo" tal como definido por TRAVAGLIA - 1981), mas nem sempre como acabada. Se se diz que "João correu", não quer dizer que ele não continua correndo. A este respeito veja-se em TRAVAGLIA - 1981 a questão da expressão do aspecto "acabado".
28. Veja o que já disseros anteriormente sobre o valor modal do indicativo e do subjuntivo.
29. Este é um valor aspectual que define o aspecto cursivo. Vide TRAVAGLIA - 1981.
30. Como diz STEN - 1973: 103, o pretérito imperfeito indica coisa certa, decidida. CUNHA - 1972: 311 diz que "ele pode indicar até um só fato preciso".
31. Os exemplos (64) e (65) são de CUNHA - 1972: 311.
32. Vide COROA - 1985.
33. Não tivemos acesso às obras de que STEN - 1973 extraiu os exemplos que registra à pág. 103. A leitura das mesmas, colocando os exemplos em seu contexto geral, poderia confirmar a hipótese que levantamos mostrando a existência das causas da crença a que aludimos. É algo a conferir.

BIBLIOGRAFIA

- CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, Nacional, 1976.
- COROA, Maria Luiza Monteiro Sales. "Uma definição temporal para as formas do pretérito" in X anais de seminários do GEL. 10(1). Bauru, Faculdades do Sagrado Coração, 1985: 22-26.
- CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1972.
- HERITAGE, John C. "Recent developments in conversation analysis". (Outros dados desconhecidos).
- LAVANDERA, Beatriz R. Curso de lingüística para el analisis del discurso. Buenos Aires, Centro Editor de America Latina, 1985.
- LUFT, Celso Pedro. Moderna gramática brasileira. Porto Alegre, Globo, 1976.
- MELO, Gladstone Chaves de. Ensaio de estilística da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- MIOTO, Carlos. "Considerações sobre o presente do indicativo" in X anais de seminários do GEL. 10(1). Bauru, Faculdades do Sagrado Coração, 1985: 16-21.
- MOURIN, Louis. "Définition de l'imparfait et du plus-que-parfait de l'indicatif et du subjonctif, et des deux formes du conditionnel en portugais moderne" in Romanica Gandensia VII, GAND (Bélgica), Université de Gand, 1959: 105-202.
- OSAKABE, Haquira. "Sobre a noção de discurso" in "Sobre o discurso" (Série Estudos nº 6). Uberaba, Faculdade Integradas Santo Tomás de Aquino, 1979: 20-35.
- POSSENTI, Sírio. "Discurso objeto da lingüística" in Sobre o discurso (Série Estudos nº 6). Uberaba, Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1979: 1-19.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1981.
- WOLFSSON, Nessa. "A alternância do presente histórico na conversação in Language 55. 1979: 168-182. (Tradução de Ataliba T. de Castilho e Geraldo Cintra - UNICAMP).

ANEXO I

1. Perguntas apresentadas aos alunos de 4a. série do 1º grau

A) Com futuro do pretérito

- O que você **faria** se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- O que você **faria** se fosse o super homem (ou a super mulher)?
- O que você **faria** se fosse **uma** fada?
- O que você **faria** se fosse um passarinho (ou outro bicho que preferir)?
- O que você **faria** se fosse levado por um disco voador?

B) Com pretérito imperfeito do indicativo

- O que você **fazia** se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- O que você **fazia** se fosse o super homem (ou a super mulher)?
- O que você **fazia** se fosse **uma** fada?
- O que você **fazia** se fosse um passarinho (ou outro bicho que preferir)?
- O que você **fazia** se fosse levado por um disco voador?

Estas perguntas foram apresentadas a duas turmas de 4a. série do 1º grau:

1a. Turma: Diurna, 20 alunos. Dezesete alunos responderam. Idade dos informantes: 9 a 11 anos.

2a. Turma: Noturna, 20 alunos. Dezessies alunos responderam. Idade dos informantes: 15 a 20 anos. 01 tinha 29 anos e 02 tinham 39 anos.

2. Perguntas apresentadas aos alunos de 8a. série do 1º grau

A) Com futuro do pretérito

- O que você **faria** se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- O que você **faria** se fosse levado por um disco voador?
- O que você **faria** se tivesse **uma** máquina do tempo?
- O que você **faria** se fosse um cientista?

B) Com pretérito imperfeito do indicativo

- O que você **fazia** se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- O que você **fazia** se fosse levado por um disco voador?
- O que você **fazia** se tivesse **uma** máquina do tempo?
- O que você **fazia** se fosse um cientista?

Estas perguntas foram apresentadas a uma turma de 8a. série do 1º grau, diurna, 20 alunos dos quais 17 responderam. Idade dos informantes: 13 a 15 anos.

3) Perguntas apresentadas aos alunos de 2a. série de 2º grau e universitários

A) Com futuro do pretérito

- O que você *faria* se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- O que você *faria* se fosse levado por um disco voador?
- O que você *faria* se fosse o presidente da república?

B) Com pretérito imperfeito do indicativo:

- O que você *fazia* se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?
- O que você *fazia* se fosse levado por um disco voador?
- O que você *fazia* se fosse o presidente da república?

Estas perguntas foram apresentadas às seguintes turmas:

1a. Turma: 2a. série do 2º grau (curso normal), diurna, 20 alunos, 12 responderam. Idade dos informantes: 14 a 18 anos.

2a. Turma: 9º período do curso de Letras, noturno, 10 alunos, 10 responderam. Idade dos informantes: 20 a 25 anos, uma tinha 37 anos e outra, 50 anos.

3a. Turma: 11 alunos do curso de Engenharia, 8º e 10º períodos, dois de 2º período e um de 5º período. Idade dos informantes: 22 a 28 anos, um com 18 anos.

OBSERVAÇÕES GERAIS:

- 1) Cada turma foi subdividida em dois grupos. O primeiro respondeu às perguntas de A e o segundo, às de B.
- 2) Sempre se pediu aos informantes que respondessem livremente, como se o fizessem oralmente.
- 3) Os informantes tiveram um tempo máximo de 15 minutos para responder. Na 4a. série permitiu-se que alguns informantes gastassem até 30 minutos.

ANEXO II

1) Nome (se quiser) _____
Sexo: () Masculino () Feminino Idade: ____ anos
Local de nascimento: Cidade: _____ Estado: _____
Onde mora? Cidade: _____ Estado: _____
Já morou em outros lugares? () Sim () Não () Se sim,
onde e por quanto tempo? _____

Se estuda: Curso: _____
Série ou período: _____ Cidade: _____
Escola: _____
Profissão (se trabalha): _____

2) Pai: Nome (se quiser): _____
Idade: _____ anos Profissão: _____
Escolaridade: () 1a. à 4a. () 5a. à 8a. () 2º grau
() curso superior. Qual? _____
Local de nascimento: Cidade: _____ Estado: _____

3) Mãe: Nome (se quiser): _____
Idade: _____ anos Profissão: _____
Escolaridade: () 1a. à 4a. () 5a. à 8a. () 2º grau
() curso superior. Qual? _____
Local de nascimento: Cidade: _____ Estado: _____

ANEXO III

As redações transcritas aqui foram escritas por alunos da 8a. série B, turno diurno, de uma escola estadual de Patos de Minas, Minas Gerais, em novembro de 1986, quando sua professora, Margarida Rocha Leite (a quem agradeceremos a cessão dos textos de seus alunos), sugeriu o seguinte trabalho:

"Agora você faz fugir da realidade e criar um mundo onde gostaria de viver".

Essas redações não tinham o objetivo de servir a este trabalho, mas chegaram até nós num curso de "Metodologia do Ensino de Redação" que ministramos em Patos de Minas em dezembro de 1986. Aproveitando a coincidência e a pertinência dos exemplos, solicitamos à professora que nos permitisse utilizá-los.

Para facilidade de identificação indicamos as formas verbais de acordo

com a seguinte legenda:

- (A) Pretérito imperfeito do indicativo
- (B) Futuro de pretérito
- (C) Outros tempos verbais

Redação 1

Um sonho

Certa noite quando acordei(C) não me sentindo bem e revoltado com o mundo, resolvi(C) criar um só para mim. Onde existiria,(B) felicidade, amor e amizade e compreensão.

No meu mundo todos que ali habitavam(A) trabalhava(A) para que houvesse(C) igualdade.

Tudo era(A) como um conto de fadas. Não existia(A) ninguém para nos obrigar a fazer isto ou aquilo. Todos sabiam(A) o que fazer e cumpriam(A) suas obrigações.

Minha cidade era(A) toda de vidro. Onde você via(A) não só sua imagem, mas tudo aquilo que existe(C) dentro de cada um. Nos alimentávamos(A) de amor e tomávamos(A) banho de esperança. Estudávamos(A) no livro da vida. Passeávamos(A) nos arcoíres e pelos bosques da felicidade. No azul das nuvens encontrávamos(A) a paz.

Você não comprava(A) um amigo e sim conquistava(A) com um sorriso, um gesto. E conquistando um amigo, ao invés de um seriam(B) dois na luta por um mundo melhor. De repente acordei(C) e senti(C) que tudo não passava(A) de um sonho. Um sonho que nunca se tornará(C) realidade. Pois no mundo só existe egoísmo e ambição.

(Jandira)

Redação 2

Um mundo melhor

Um mundo melhor para se viver é(C) aquele que não houvesse(C) guerras entre povos, nem intriga entre as nações além de guerras civis.

Nem país onde não faltasse(C) nada, sem poluição, sem agrotóxicos nos alimentos. Que todas as pessoas tenham(C) consciência do mal que os tóxicos podem(C) causar.

Certo dia, sentado na rede de minha casa comecei a imaginar(C) um mundo diferente: estávamos(A) felizes e havia(A) num ambiente agradável grande quantidade de alimentos e água corrente e límpida, pássaros cantavam(A) nas árvores carregadas de frutos, um rio com uma bela cachoeira, onde nadávamos(A) e pescávamos(A) grandes peixes. Além disso na cidade não havia(A) doenças, nem acidentes.

Mas como isso não passa(C) de um sonho, acordei(C) com a vista no movimento da rua, na correria das pessoas, mas realmente acho que esse sonho não se realizará.(C)

(Mário Lúcio)

Redação 3

Os meus sonhos!

Hoje, num pleno domingo de primavera, resolvi(C) descansar debaixo de um árvoredo todo florido, com um lindo canto: o canto dos passarinhos.

Corecei(C) a pensar, na minha vida. Tantos sonhos que eu tinha(A), e que o tempo levou(C), para bem longe, agora está restando(C) apenas alguns sonhos, que eu queria(B) que se realizasse(C), mas vai(C) ser difícil, para que seja realizados.(C)

Meus sonhos desta infância era(A) participar das aulas de Jezz, sei(C) lá, eu acho(C) tão bonito, ver as meninas dançarem, eu sempre tive(C) este sonho. Em 84 a minha mãe disse que se eu passasse(C) eu ia entrar(A) na aula. Passei(C) mas minha mãe não cumpriu(C). Mas agora não tenho(C) tanta vontade mais não.

Outro sonho meu era(A) viver em um outro mundo. Um mundo diferente, cheio de sonhos, realidades, viver em um mundo muito bonito, um mundo diferente do que eu vivo(C), sei lá, este mundo aqui é(C) muito esquisito.

Um mundo onde não fosse(C) poluído, onde os passarinhos pudessem(C) ter liberdade, igual aos outros animais.

O mundo onde eu gostaria(B) de viver é em Sherish, lá o mundo é(C) muito diferente do que onde vivo(C) os pássaros tem(C) liberdade, lá é(C) um mundo de plena sossego, tudo lá é(C) diferente até o modo de comer, é(C) diferente, o modo de vestir, de andar, os carros são(C) tão esquisito, mas tudo lá é(C) legal.

O meu grande sonho, um dia vai(C) se realizar para um mundo de sossego, de sonhos... etc...

(Simone)

Redação 4

O Mundo dos Meus Sonhos

Eu gostaria(B) de viver num mundo em que todas as pessoas fossem(C) iguais. Um mundo onde não tivesse(C) distinção racial, e o preto fosse tratado(C) como uma pessoa qualquer da sociedade e não como uma coisa sem valor. Onde os mais ricos e poderosos em vez de ficarem querendo cada vez mais dinheiro passassem(C) a ajudar os pobres como se eles fossem(C) seus próprios irmãos em termos de família. Um mundo em que as crianças não fossem reprimidas(C) pelos pais e que pudessem(C) brincar por livre vontade e também que elas considerassem(C) a escola não como uma obri-

gação mas como uma segunda família que a ajudaria(B) a descobrir o mundo. Que as crianças que não têm(C), um pai nem uma mãe fossem(C) acolhidas pelas famílias mais ricas e tidas como filhos legítimos em vez de ficarem morando nas ruas e aprendendo a roubar. Um mundo sem guerras, mas não só guerras de bombas, canhões etc, mas onde cada família viveria(B) unida sem brigas sempre apoiando o outro.

(Cíntia Maria)

Redação 5

Terra Prometida

O mundo de hoje com todas as dificuldades do dia a dia faz(C) com que as pessoas esqueçam(C) de viver. Muitas pessoas deixam(C) de se divertir porque têm(C) que trabalhar para sustentar suas famílias.

Diante desses problemas, eu vejo(C) todas as pessoas com uma vontade de conhecer um mundo melhor, um mundo em que não haja(C) miséria e essa ganância por dinheiro.

Nesse sentido sonhado e desejado por todos não haveria(B) guerras, a solidariedade seria(B) intensa, a questão racial seria(B) eliminada. Não haveria(B) sequer uma criança morrendo de fome ou doente por não ter condições de tratamento. A justiça seria(B) feita até nos mais complicados casos de violência. As pessoas não teriam(B) medo de sair de casa e serem assaltadas. Um índice de 100% de pessoas alfabetizadas, seria(B) registrado, eliminando a ignorância e ao mesmo tempo a violência.

Mas pelo menos por enquanto esta terra prometida vai(C) ficar a desejar, porque com tantos problemas, e todos tão difíceis jamais se resolverão(C) todos.

(Flávio)

Redação 6

O outro mundo

Já pensou(C) na gente em outro mundo? Bobeira! Ou não? Pensando melhor não é(C) bobeira coisa nenhuma! Já imaginou(C) a gente num mundo de paz, onde todos se amassem(C) de verdade. Um mundo em que todos se respeitassem(C), um mundo sem armas, sem violência, sem opressões! Seria(B) ótimo viver num mundo desses. Um mundo que não ouvesse(C) prisões ou não precisasse(C) de prisões. Um mundo em que todos tivessem(C) os mesmos direitos e não um mundo egoísta. Seria(B) bom que esse mundo existisse(C).

Será(C) que é(C) tão difícil dele existir?

(Estefane)

ANEXO IV

SHOW

Bolero de uma nota só Julio Iglesias

* Ginásio do Ibirapuera (dia 29) e Hotel Maksoud Plaza (dias 30, 1º e 2), São Paulo.

Antigamente Julio Iglesias costumava passear pela praia de Ipanema, via suas farosas garotas e "ficava louco". Hoje tem a seus pés não apenas as frequentadoras da praia, como também todo aquele tipo de gente mais assídua a saunas e academias de ginástica, empresários, grã-finos em geral e os "czares da Bolsa de Valores", na feliz expressão do colunista Zózimo Barrozo do Araral, do Jornal do Brasil, que gastou todo o espaço da sua coluna da sexta-feira, 24, para descrever a noite de estréia de Iglesias no Rio Palace Hotel.

Mudou o público de Iglesias, mas ele não. Num show de 26 músicas rigorosamente iguais ao seu intérprete, envolto por uma orquestra de 30 músicos e luzes que tornar o ambiente azul e dourado como um decapê, o público ouve o artista dizer: "Estou solteiro e sem compromisso". Mais adiante: "Eu não gosto de honer". E finalmente, apontando para um assanhado Roberto Carlos aplaudindo da platéia: "Se não fosse honer, eu casava com ele". São momentos de cafonice tão soberba como o público seletivo do país não via pelo menos desde a passagem de Frank Sinatra pelos mesmos palcos em que Iglesias pisa agora. Como o bambolê, o tobogã ou o conjunto Originals do Samba, Julio Iglesias confirmou que é um fenômeno. Canta Feelings, Recuerdos de Ypacarahy (em italiano), Guantanamera e Manhã de Carnaval, sem que estas músicas se diferenciem de Begin the Beguine ou Hey, o grande sucesso do espetáculo. Num show que é tão bom ou tão ruim quanto, por exemplo, um copo d'água, Iglesias é sempre o grande vencedor.

(Geraldo Mayrink)

ISTO É - 29/09/82 - pág. 27.